

Questão 3

3. Em 1943, Lúcia Miguel-Pereira, importante estudiosa da obra de Machado de Assis, publicou em livro a novela *Casa Velha*, que havia aparecido seriadamente na revista *A Estação* entre janeiro de 1885 e fevereiro de 1886. Ao comparar essa novela com os primeiros romances machadianos, ela nos diz:

“Lalau, a heroína de *Casa Velha*, é igualmente criada por uma viúva rica, cujo filho ama; a velha senhora lança mão de uma calúnia para separar os namorados e, desfeita esta, a moça se retrai, recusa entrar para uma família que a desdenhara; volta resignada, mas triste, ao meio humilde de onde sonhara sair (...)”.

(MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, p. 160, 1988.)

- a) Considerando a casa como um microcosmo da sociedade brasileira dos tempos da Regência, identifique e explique as posições ocupadas pelas duas personagens femininas mencionadas no trecho.
- b) Reconte aqui, brevemente, a calúnia que separou Lalau de seu amado e como tal calúnia foi desfeita, citando os personagens envolvidos em ambos os processos. A seguir, tendo em conta a estrutura social do Brasil da época, ofereça uma interpretação para o fato de haver uma dificuldade na união entre Lalau e seu amado.

RESOLUÇÃO

a) A “casa velha”, espaço central da novela *Casa Velha*, de Machado de Assis, é uma espécie de fazenda de arquitetura colonial, construída pelos antepassados de Dona Antônia, personagem que se casou com um ex-ministro de Dom Pedro I e, com ele, teve um filho, Félix, interessado na agregada da família, Lalau, uma menina de 17 anos, órfã de mãe. A novela se passa em 1839, último ano do período regencial, com fortes tensões políticas (ecos da revolta Farroupilha aparecem no texto), que levam ao Golpe da Maioridade de Dom Pedro II.

Numa leitura que relaciona personagens a eventos históricos, podemos relacionar a personagem Dona Antônia à Monarquia, já que a personagem trabalha, a novela toda, para uma manutenção do poder e da estrutura de sua família nesse jogo político - ela consegue, por exemplo, que o filho se case, possivelmente em 1840, com “Sinhazinha”, personagem que representa o Rio Grande do Sul, numa clara conciliação política e de classe. Já Lalau, personagem que nasce em 1822, se torna órfã em 1831, e provavelmente se casa em 1840, representaria o Brasil Republicano e Liberal. A personagem é uma espécie de projeção liberal e republicana - coloca o amor próprio acima do amor pelo amado, se nega a viver novamente sobre a tutela de D. Antônia e ainda pede, indiretamente, o namorado pobre (Vitorino) em casamento -, que antecipa uma plenitude possível somente em 1889.

b) Lalau, personagem pobre e agregada da família de seu amado, Félix, é envolvida em uma calúnia que a separa do personagem. Dona Antônia, viúva de um ex-ministro de Dom Pedro I e mãe de Félix, aceita a garota apenas como agregada, e fará de tudo para separar o casal.

Em determinado momento da narrativa, um padre, que narra não só a história, mas seu envolvimento nela, se vê manipulado por D. Antônia, que o leva a acreditar - sem dizer especificamente - que Lalau seria irmã de Félix. O possível incesto faz com que o padre converse com o casal, o que acaba com a relação dos dois. A separação do casal não será desfeita nem quando a verdade vem à tona, e Lalau seguirá seu caminho, assim como Félix. Possivelmente, D. Antônia fez de tudo para separá-los pela crença na necessidade de manutenção de classe e de poder político, de modo a evitar a quebra da estrutura social e a possibilidade de mobilidade de classes.